





# Como ela consegue

Ninguém na TV brasileira, hoje, é tão versátil quanto Lília Cabral – a atriz paulistana que desencarnou de uma vilã para viver em seguida a sofredora contumaz Catarina, de *A FAVORITA*. Inspirando-se na própria mãe e nas experiências de amigas, Lília construiu uma personagem que já está na galeria das inesquecíveis Lina de Albuquerque



Mãe, você jura que nunca mais vai fazer um papel assim?” A alta combustão emocional da personagem de Lília Cabral na novela *A FAVORITA* é responsável pelo pedido feito pela filha dela, Giulia, 11 anos.

Enquanto os letreiros correm na tela da Globo, as lágrimas escorrem no rosto da menina. Depois de ter brilhado no papel de uma vilã na novela anterior, *PÁGINAS DA VIDA* (2006), a atriz paulistana de 51 anos volta a roubar a





cena no horário nobre, agora na pele de Catarina, uma dona-de-casa humilhada pelo marido. No capítulo que fez Giulia chorar, o marido violento, Leonardo (Jackson Antunes), obriga a esposa a devolver um aparelho de ar-condicionado que ela havia comprado com o dinheiro que juntara durante dois anos. Foi de tirar o ar a cena que transformou em pesadelo o simples sonho de consumo de uma mulher de poucas ambições.

Lília respira fundo antes de responder à filha. “Você está cansada de saber que novela é ficção, não é? Mas muitas mulheres na vida real também são maltratadas pelos maridos e se identificam com Catarina.” A menina parece ter entendido perfeitamente. É sua única filha, que ela teve aos 39 anos com o economista Iwan Figueiredo, com quem foi morar poucos meses depois de se separar do cineasta João Jardim, em agosto de 1994. Estão casados até hoje. Mas Giulia volta a repetir o pedido: “Promete, mãe...” Lília continua argumentando que Catarina se prepara para dar uma virada, assim como muitas mulheres de carne e osso podem se rebelar e pôr fim ao papel de vítimas.

Em todo lugar aonde vai, a atriz recebe manifestações de apoio e solidariedade à personagem. “Você vai conseguir se livrar do Leonardo”, encorajou-a recentemente uma telespectadora mais arrebatada na saída de um restaurante no Rio de Janeiro, cidade onde Lília vive há mais de 20 anos. A atriz conversou com a reportagem de CLAUDIA num intervalo de gravação da novela na cidade cenográfica do Projac, o complexo de estúdios da TV Globo, na zona oeste do Rio. Na ocasião, duas situações desencadeadoras da mudança de Catarina ainda não tinham acontecido: a gravidez da revoltada filha adolescente (Clarice Falcão) e o aparecimento de uma vizinha (Paula Burlamaqui), que será cantada pelo marido, mas acabará se envolvendo com ela. O folhetim, que termina em janeiro, promete uma surpresa ao apresentar a homos-

sexualidade de forma diferente das novelas anteriores. Mas sobre isso por enquanto Lília não pode falar.

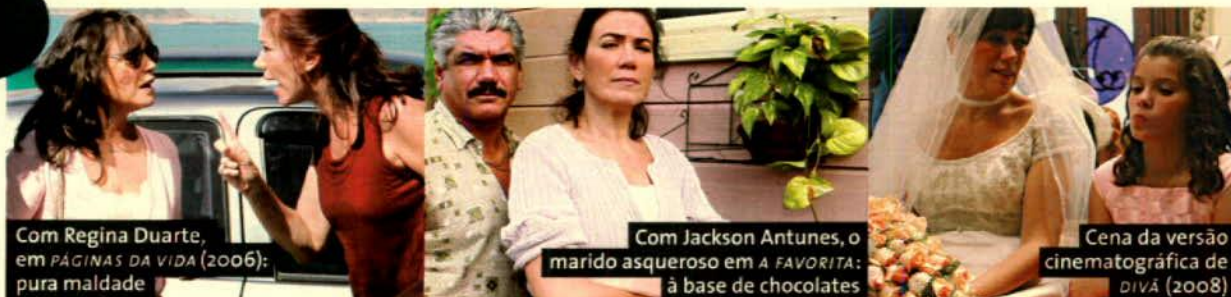
Desde que a personagem começou a crescer, Lília tem sido convidada a abordar a questão da violência doméstica em diversas ocasiões. Recentemente, apareceu no programa do Faustão para debater o assunto com o público. É o que chama de “função social” da personagem. Quando recebeu esse papel, não imaginava que pudesse ir tão longe – ou melhor, imaginava, sim. Mas teve medo de não repetir o êxito da novela anterior, em que ganhou espaço fazendo uma vilã cuja crueldade em nada faz lembrar a submissão da pobre e passiva Catarina. Mesmo assim, a atriz apostou com o autor João Emanuel Carneiro: “Eu vou fazer dela a personagem mais bonita da novela”. Era uma promessa ousada, que não surpreendeu o autor. Ele a conhece e não esperaria dela nenhum tipo de falsa modéstia, coisa que Lília nunca teve. “Se for para dizer que Lília é uma atriz maravilhosa e talentosa, melhor poupar espaço”, afirma João Emanuel. “De tão óbvio, isso já virou clichê.” A prova de versatilidade que Lília deu ao se despedir do papel de uma vilã para prontamente abraçar uma mulher resignada provoca uma declaração mais contundente por parte do autor da novela: “Lília só pode mesmo ser superada por outra Lília”.

## Memórias maternas

Afastar o desgaste emocional depois de seqüências tão violentas não é fácil nem para uma atriz que se formou pela EAD, a respeitada Escola de Arte Dramática da USP. Ela fez o curso escondida do pai, um torneiro mecânico de modos rudes que montou uma pequena metalúrgica em São Paulo. Foi num baile da Lapa, bairro paulistano que acolheu muitos imigrantes de origem italiana, que o italiano Gino conheceu a portuguesa Almedina, oito anos mais velha, com quem se

# Lília só pode mesmo ser superada por outra Lília

João Emanuel Carneiro



Com Regina Duarte, em *PÁGINAS DA VIDA* (2006): pura maldade

Com Jackson Antunes, o marido asqueroso em *A FAVORITA*: à base de chocolates

Cena da versão cinematográfica de *DIVA* (2008)



casou. Lília era a única filha do casal e, quando nasceu, a mãe já tinha 40 anos. Os pais da atriz já não estão vivos. Talvez por isso tenha sido mais fácil usar um pouco da memória da mãe na composição de Catarina. Embora ela não apansasse, Lília conta que costumava baixar a cabeça e se submetia aos desmandos de um marido que teve muitas amantes. Outro tanto de Catarina vem de algumas mulheres sofridas com quem a atriz conviveu. “Uma amiga me perguntou se eu tinha me inspirado na história dela. Ela viveu uma situação parecida com um marido muito rico, que acabou tendo um aneurisma e morreu. Eu não havia pensado nisso. Depois que ela me chamou a atenção, a ficha caiu. Também convivi com pessoas que eram vítimas de um tipo de violência doméstica mais velada. Aproveitei tudo à minha volta para construir uma personagem.”

Lília Cabral se entrega de corpo e alma. Dias antes da entrevista no Projac, ela confessou ao jornal *O GLOBO* que andava devorando doces e guloseimas – provavelmente uma forma de compensação emocional para a violência e o realismo de algumas cenas. Agora ela cortou o chocolate, por recomendação médica e não brechtiana (de Bertold Brecht, o dramaturgo alemão que defendia o distanciamento entre ator e personagem). Lília sofre de labirintose, doença com sintomas parecidos com os da labirintite, e esse quadro pode se agravar mediante o consumo excessivo de açúcar, Coca-Cola e café. Exatamente tudo o que ela estava usando para se recompor das tomadas mais pesadas.

## Atriz com fermento

“Lília Cabral sempre teve talento para fazer a personagem aparecer. Ela não se importa de receber um papel pequeno quando percebe que pode colocar fermento nele”, confirma a jornalista Analu Ribeiro, que lançou no ano passado uma biografia da atriz, *DESCOBRINDO LÍLIA CABRAL*, pela coleção *APLAUSO* (IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO). De fato, ao longo da carreira, Lília muitas vezes soube se tornar a favorita da trama paralela. Mesmo não sendo protagonista, ela dava um jeito de brilhar. Com mais de 20 novelas na



Com Giulia e o marido, Iwan, em evento recente no Rio: apoio nas ruas

bagagem, a atriz alternou tipos engraçados, como a pe-rua Verena, de *MEU BEM QUE-RER*, com sofridos, como Ingrid de Lacerda, em *LAÇOS DE FAMÍLIA*. Foi o sucesso de *FELIZ ANO VELHO*, o best-seller de Marcelo Rubens Paiva adaptado para o teatro, que lhe abriu as portas da Globo. Os diretores de novela foram assistir à peça, retumbante sucesso teatral de 1983, em que Lília se desdobrava em dez personagens, e a convidaram para participar de *CORPO A CORPO*, a telenovela de

Gilberto Braga exibida no ano seguinte. A autora de *DESCOBRINDO LÍLIA CABRAL* também a conheceu em 1983. Analu fazia parte do núcleo que logo transformou a peça num ponto de encontro de adolescentes. Ela era um dos “cativas”, como ficou conhecido o grupo de jovens com cadeira cativa na platéia. Poucos atores tinham paciência com esse tipo de tietagem. Mas Lília, que já havia sido professora de artes em colégios particulares, tirava de letra. “Eu tinha deixado de dar aula, mas ainda conservava um lado meio didático, no fundo mais maternal do que didático. Adorava conviver com aqueles jovens de olhos brilhantes que estavam descobrindo o mundo.” Na verdade, ela também estava gostando de conquistar o primeiro clube de admiradores de sua carreira. Mais de 20 anos depois, em 2005, Analu e outros três “cativas” foram à estréia da peça *DIVÁ*, a adaptação homônima do romance de Martha Medeiros, em São Paulo. Na hora dos aplausos, Lília, a protagonista, caiu em prantos. O impasse durou longos minutos até ela finalmente conseguir se justificar para a platéia atônita, que tinha ido ao teatro conferir a veia cômica da atriz. “Me desculpem. Eu mal pude fazer o espetáculo depois de ver, na primeira fila, as carinhas de quatro adolescentes que todas as noites iam assistir *FELIZ ANO VELHO*.”

Se nos anos 80 ela já era a favorita, hoje então nem se fala. A peça *DIVÁ* foi vista por mais de 150 mil pessoas e acaba de ganhar uma adaptação para o cinema. Lília não precisa se preocupar em interferir no destino da personagem, uma mulher de 40 e poucos anos que procura o analista para lidar com sentimentos reprimidos. A estrela das tramas paralelas da telinha nasce no telão desde o princípio como protagonista da comédia. ◉

Fotos: abertura Nana Moraes; divulgação; com a família, Georgetana Godinho/Produção e realização Chris Böller/Cabelo e maquiagem Adriana de Borsense; maicacão, Maira Mak; sapatos, Maria Bonita; brincos, Natan; anel, Fiszpan